

## DRUMMOND MINIMAL

### — REVISITAÇÃO DE O AVESSE DAS COISAS

1. Passou quase despercebida em Portugal a publicação, em 1987 — já depois da morte do seu autor — do livro *O Avesse das Coisas*<sup>1</sup>, de Carlos Drummond de Andrade. Este facto pode não parecer estranho se pensarmos na pouca atenção que no nosso país é dedicada à literatura brasileira. No entanto, se atendermos ao nome do autor — cuja obra, pelo menos hoje, está razoavelmente editada em Portugal — e à circunstância de esta publicação se ter seguido de perto à sua morte, a perplexidade mantém-se. Assim, a razão explicativa talvez deva ser buscada no próprio livro. Resultado da reunião de “pedacinhos de papel onde estas anotações vadias foram feitas” — conforme explica no prefácio o próprio Drummond — esta é uma obra de aforismos, a que também poderíamos chamar “máximas” se o autor não tivesse preferido classificá-las como *mínimas*, marcando com isso a distância que o separa dos “antigos moralistas”.

Este cunho desprezioso que o autor procurou imprimir à obra é reforçado quando, ainda no prefácio, ele afirma que mais não pretendeu do que “traduzir um tipo de experiência vivida, que não chega a alcançar a sabedoria mas que, de qualquer modo, é resultado de viver”, acrescentando que não foi seu objectivo convencer o leitor “nem convidá-lo a repensar suas idéias”. Com tais afirmações, Drummond volta a recusar de certo modo que os textos aqui reunidos sejam classificados como aforismos, tanto mais que — como escreve mais à frente — “O aforismo constitui uma das maiores pretensões da inteligência, a de reger a vida” (p. 8). Deste modo, Carlos Drummond de Andrade parece traduzir uma ideia que deixou assim expressa numa outra obra<sup>2</sup>: “E isso me dá a sensação inconfundível da inutilidade vaidosa da arte de escrever”.

---

<sup>1</sup> Rio de Janeiro, Record, 1987.

<sup>2</sup> *Tempo, Vida, Poesia — Confissões no rádio*, Rio de Janeiro, Record, 1986, p. 126.

Estas reflexões querem-se, portanto, não do lado do utilitário, mas do lado do puro prazer, assim se demarcando de algum modo da longa e nobre tradição literária do aforismo, o que poderá ajudar a explicar a menor atenção que a crítica dispensou à obra.

2. Forma milenar cujos documentos mais antigos se encontram nas literaturas orientais, o aforismo (e formas afins) não chegou a gerar uma tradição particularmente forte na literatura portuguesa, nem na literatura brasileira, embora — no caso português — seja possível apontar exemplos, de resto bem conhecidos, desde o período humanista. Mais recentemente, o panorama tem vindo a ser alterado, o que talvez esteja relacionado com o crescente interesse por modalidades literárias não-ficcionais. A título de exemplo, bastará dizer que, no ano seguinte ao da publicação do livro de Drummond, foram publicadas em Portugal três obras de aforismos: *Aforismos*, de Agustina Bessa-Luís<sup>3</sup>; *Lembrar de Raízes*, de Marcello Duarte Mathias<sup>4</sup>; *Máquinas Pensantes (Aforismos gerados por computador)*, de Pedro Barbosa<sup>5</sup>.

Etimologicamente marcado pelo sema de *limitação*, o aforismo caracteriza-se antes de mais, do ponto de vista formal, pela sua concisão, que é responsável por uma série de consequências, desde a escolha rigorosa das palavras à estrutura morfossintáctica — tendencialmente elíptica — da frase, passando pelo carácter dissimulado, ambíguo, furtivo do próprio texto. De uma forma lapidar, esta última característica é reconhecida tanto por Carlos Drummond quanto por Duarte Mathias, nas respectivas obras: o primeiro diz que *As figuras de arte egípcia servem de modelo ao aforismo: nunca estão de frente* (p. 132), ao passo que o segundo escreve: *O culto do aforismo ou as frases vistas de perfil* (p. 30). De um outro modo, Fernando Pinto do Amaral, num comentário ao livro de Agustina atrás referido, sintetizou eficazmente a mecânica global do aforismo, dizendo que ele “faz desaparecer as tradicionais categorias do pensamento para impor a soberania de um saber a cujo brilho nada se compara; é que, ao gerar uma espécie de *razão para lá da razão*, o aforismo permite um contacto novo com as coisas e cristaliza em meia dúzia de palavras a energia de uma verdade sempre mais fecunda do que a de qualquer dedução lógica”<sup>6</sup>. Esta ideia é confirmada pela própria Agustina, na epígrafe do seu livro: *O meu pensa-*

<sup>3</sup> Lisboa, Guimaráes Editores, 1988.

<sup>4</sup> Lisboa, Quetzal Editores, 1988.

<sup>5</sup> Lisboa, Livros Horizonte, 1988.

<sup>6</sup> *A inteligência da paixão*, in “O Independente”, 30/12/1988, IV-16.

mento estende-se de uma maneira caótica e para o deter recorro ao aforismo. Eu dou muita importância aos aforismos; são como uma fuga ao pensamento.

Próximo, pela concisão e pela afirmação de uma experiência, de formas populares como o provérbio, o aforismo distingue-se delas não apenas pela ausência de determinadas características formais, mas sobretudo pelo esforço interpretativo que demonstra, ao serviço da construção de uma visão pessoal do mundo.

3. É antes de mais essa visão pessoal do mundo que *O Avesso das Coisas* nos proporciona, confirmando e sintetizando muito do que já sabemos da personalidade de Drummond — em particular tal como ela se revela nos seus numerosos livros de crónicas e de contos — e trazendo também algumas novidades. No entanto, ela não nos é dada directamente, o que se fica a dever ao modo muito peculiar como o autor retomou a tradição do aforismo.

O próprio título, ao apontar para o lado *avesso* das coisas — “aquele que não enxergamos, ou o único que enxergamos” (p. 137) —, indicia desde logo a peculiaridade da obra. Por outro lado, verificamos que, ao contrário do que é habitual em obras deste tipo, os textos se encontram subordinados a um título que é objecto de ordenação alfabética, como se de um dicionário se tratasse. Aliás, muitos dos textos apresentam-se como autênticas propostas de definição, embora traduzindo uma perspectiva *avessa*, marcada que está por um *humour* bem característico de Drummond (sobretudo na sua faceta de cronista). A título de exemplo, atente-se nos seguintes: *Fonte da sensualidade que torna voluptuosa a fome como esperança de prazer* (paladar, p. 118); *Apêndice saliente que costuma cheirar onde não é chamado* (nariz, p. 111); *O pênis, caçador que às vezes nega fogo diante da caça* (pênis, p.125); *Reunião na qual se bebe em honra de alguma coisa que ninguém se lembra qual seja* (coquetel, p. 36).

Verificamos assim que o ar de humor paródico que podia ser percebido no prefácio surge confirmado e reforçado na obra, atingindo a nobre tradição do aforismo por vias diversas, inclusive por intermédio do cruzamento com outros discursos, como o dicionarístico. Convertidos em verbetes, os textos deixam de significar apenas por si para passarem também a significar como partes indissociáveis de um todo, fornecendo-nos uma visão *minimal* do pensamento do autor, organizado de A a Z. Só que, como adverte o próprio autor, os verbetes são *Artifício dos enciclopedistas para converter em pilulas a totalidade do mundo* (p. 162), pelo que a sua leitura exige o mesmo olhar atento, *avesso*, que a sua redacção revela.

4. Traço essencial desta visão do mundo é o humor, que Drummond define do seguinte modo: *O humorismo é a aptidão para despertar nos outros a alegria que não sentimos* (p. 78). Efectivamente, o humor presente na maior parte dos textos não está do lado da alegria. O esforço crítico de desocultar o real implica uma visão que, por excesso de lucidez ou por desfocagem intencional, chega a ser cruel.

Apesar disso, há várias tonalidades de humor, adequadas a cada circunstância. Há momentos em que apresenta um carácter cómico mais ou menos imediato, podendo servir de exemplo textos como *O credor é um nosso segundo eu, que ambiciona assumir a tutela do primeiro* (p. 37), ou *Não se inventou ainda a anedota triste, para ocasiões fúnebres* (p. 14). Há outros em que, sob a aparência de um certo tipo de humor negro, se colocam subtilmente questões sérias e se assume uma atitude crítica face a determinada prática social, como acontece em *O enforcado tem a pretensão de pairar acima de todos* (p. 54). Há outros ainda em que, sob uma feição quase macabra, se destaca sobretudo a subtileza da visão e o estabelecimento de relações insuspeitáveis entre extremos, como acontece no segundo texto de "Crime": *O crime de morte é relação tão absorvente de duas pessoas, que uma delas acaba suprimida; ou as duas* (p.38).

Com frequência, o humor é reforçado pelo investimento na linguagem figurada, como acontece nos seguintes exemplos: *Na religião do Estado a penitência chama-se multa, e não há indulgência* (p. 58); *As rimas casam-se pela arte e divorciam-se pela trivialidade* (p. 141); *O amor dinamita a ponte e manda o amante passar* (p. 12); *Para se alcançar um ideal, é necessário ter ambição, e ter ambição é perder de vista o ideal* (p. 12); *A chance da vida longa da zibelina está em ser transformada em casaco* (p. 170). Há casos em que o investimento na linguagem é menor, resultando do aproveitamento de uma inovação sintáctica — *No Zoológico os animais não vivem; são vividos pelos olhos do visitante* (p. 170) —, de uma subtileza vocabular — *O caminho é mais importante do que a caminhada* (p. 24) —, ou até de um sinal de pontuação — *Um amigo íntimo — de si mesmo* (p. 10). Noutros casos, o humor cede lugar à revelação de uma sensibilidade mais fina: *As mulheres que amaram muito parecem ter uma luz filtrada no semblante* (p.108).

Pelos exemplos apresentados é possível perceber o alcance da visão crítica que o autor nos apresenta. Apesar da diversidade dos títulos, o enfoque está quase sempre dirigido para questões de ordem social e civilizacional. Por vezes, a perspectiva é geral e a crítica surge de modo inesperado,

como acontece a propósito de “Circo”: *O circo exagera a caricatura; nem todos somos palhaços, malabaristas ou domadores* (p. 31). Alargando consideravelmente o âmbito do título, o autor parte de um pressuposto cuja explicação o leitor procura, debalde, no segundo membro da frase, para em seguida operar uma restrição aparente (“nem todos somos”) que lhe permite fazer uma crítica ferina, mas subtil. Noutros casos, a crítica é mais directa, apoiando-se por exemplo nas metáforas zoológicas: *Viver em sociedade requer instinto de formiga, presas de leão e habilidade camaleônica* (p. 147).

Mas Drummond não se fica por uma visão genérica da sociedade, optando também por se debruçar em aspectos mais específicos. Especial atenção é dedicada à injustiça provocada pela estrutura económico-social, tema a propósito do qual o autor escreve alguns dos melhores textos: *Adão, o primeiro espoliado — e no próprio corpo* (p. 7); *Os métodos modernos de negócio tornaram obsoleta a antropofagia* (p. 16); *O canibal moderno recusa o canibalismo directo* (p. 25). Como se pode ver por estes três exemplos, trata-se de textos cuja contundência resulta sobretudo do carácter inesperado de uma estrutura comparativa — implícita — a partir da qual são construídos, e de que o humor acaba sempre por ressaltar.

Em questões mais concretas, como no urbanismo — *A arquitetura diverte-se projetando construções para esconder os homens uns dos outros* (p. 16) — o autor, revelando embora a mesma lucidez crítica, parece tentado a defender um tipo difuso de vida ingenuamente natural.

Mas o desencanto sem alternativas volta a surgir a propósito de outros temas, como por exemplo a política, área particularmente em foco, e sob perspectivas bem diversas. Sempre com um toque de humor, são feitas observações certeiras sobre política internacional (*O tratado internacional realmente não obriga a nada, o que torna agradável assiná-lo*, p. 154), ou sobre instituições de um regime democrático, como o voto (*O voto, arma do cidadão, dispara contra ele*, p.168) e o partido (*Agrupamento para defesa abstrata de princípios e elevação positiva de alguns cidadãos*, p. 121), ou ainda sobre questões da prática político-administrativa, como o imposto (*O imposto tem este nome porque, de outro modo, ninguém o pagaria*, p. 81). A classe política também não escapa à crítica, que pode surgir de forma inesperada sob o título de “Zen”: *Prática budista que faz falta a governantes e políticos: exige meditação profunda* (p. 170). A conclusão é radical, embora resignada: *O governo talvez seja o único mal necessário sobre a terra* (70). Mas esta perspectiva crítica pode reservar-

nos algumas surpresas, como acontece em *Liberdade de pensamento exige esta coisa rara: pensamento* (p. 92), ou *O preso político sabe que não é preso comum, isto é, que deve sofrer mais do que este* (p. 135). Numa leitura atenta, verificamos porém que se trata de manifestações extremas de um humor cáustico, que se exercita na denúncia de eventuais mistificações menos óbvias.

5. Para terminar, deter-nos-emos sobre um outro tipo de desmitificações ensaiado por Drummond. Começemos por ver os exemplos, agrupados em três divisões:

- I. a) *Se a ocasião faz o ladrão, dai por diante ele a dispensa* (p. 89);  
b) *A estátua faz o herói* (p. 73);  
c) *Para distrair-se, Deus costuma escrever torto em linhas tortas* (p. 44);  
d) *Mentiroso sem imaginação não merece perdão* (p. 103);  
e) *A fé remove montanhas, substituindo-as por abismos* (p. 62).
- II. a) *Tradição: faca de dois gumes, usada de preferência no que não está afiado* (p. 154);  
b) *Chaga na perna da sociedade, a pobreza mantém ileso o resto do corpo* (p. 128);  
c) *O ciúme, filho do amor, torna-se parricida* (p. 31);  
d) *É cada vez mais difícil vender a alma ao Diabo, por excesso de oferta* (p. 45);  
e) *Falta ao vício de linguagem o sabor do vício autêntico* (p. 93).
- III. a) *Nada do que é humano me é alheio, mas nem tudo me apraz* (p. 74);  
b) *A frase completa do Imperador deveria ser: 'Independência econômica ou morte'* (p. 82).

Nos três casos, verificamos um fenómeno semelhante: a reutilização paródica de textos consagrados, embora de natureza diferente. No primeiro grupo, trata-se de expressões proverbiais, facilmente identificáveis: *A ocasião faz o ladrão; O hábito faz o monge; Deus escreve direito por linhas*

*tortas; Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão; A fé move montanhas.* No segundo, estamos perante expressões figuradas, lexicalizadas pelo uso: *faca de dois gumes; chaga; filho; vender a alma ao Diabo; vício de linguagem.* No terceiro, ocorre a reutilização de frases de um autor determinado, respectivamente Terêncio e D. Pedro.

Embora as situações sejam diferentes, o efeito da transformação do texto de base é semelhante: a produção de um novo sentido, que contradiz — embora em graus diferentes — o original. Por outro lado, tratando-se de hipotextos consagrados, prestigiados, facilmente identificáveis, a paródia está claramente ao serviço de uma estratégia satírica, tanto mais radical quanto opera sobre um dos redutos menos perceptíveis da ideologia: a linguagem.

Há casos, evidentemente, em que esse efeito não é levado muito longe, ficando-se por um cómico mais ou menos imediato, resultante antes de mais da destruição — por modos diferentes — de um automatismo linguístico; é o que acontece em I. a) e d) ou em II. c) e e). Mas, por exemplo, em I. b), II. b) ou III. b) a situação é outra.

No primeiro caso, a substituição dos dois substantivos está ao serviço da de uma estratégia irónica que contesta um conceito de heroísmo apoiado no reconhecimento público. A forma proverbial confere a esta ironia um cunho de verdade incontestável.

No segundo, a metáfora lexicalizada é ampliada a um ponto que a anula, para o que também contribui o carácter paradoxal dessa ampliação. A questão em foco é agora a pobreza, sendo sublinhado o modo hipócrita como ela (não) é tratada, a começar pela expressão que frequentemente a designa.

No terceiro caso, o acréscimo do adjectivo “económica” à frase atribuída a D. Pedro tem como principal efeito a crítica ao tempo presente, sugerindo que ele terá vindo pôr em causa uma verdade histórica: a independência do Brasil, proclamada por D. Pedro. Traduzindo a descrença na capacidade do seu país para ultrapassar a crise actual, o autor propõe como solução o impossível refazer da história.

Sob formas diferentes, vemos assim como em todos os casos o que está em causa é a tentativa de mostrar como a linguagem, podendo funcionar como *almofada da consciência* (como diz Agustina sobre as frases feitas<sup>7</sup>), pode ser também um bom instrumento para chegar ao *avesso* das coisas e perceber o outro lado das questões.

<sup>7</sup> *Op. cit.*, p. 16.

6. No final deste breve precurso, teremos talvez verificado o fingimento das palavras do prefácio. Na verdade, não estamos perante a mera reunião de “pedacinhos de papel”, mas perante uma obra coesa. Do mesmo modo, também não estaremos perante *mínimas* — embora a obra nos ofereça uma visão “minimal” de Drummond — mas perante máximas, de outro tipo, aparentemente simples, mas exibindo o mesmo brilho dos verdadeiros aforismos.

*Francisco Topa*